

## **Turistificação da Vila de Encantadas, Ilha do Mel: patrimônio, cultura e planejamento**

*Daniel Hauer Queiroz Telles<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal abordar a questão cultural da área de estudo. Apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado defendida pelo pesquisador pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná em 2007. A vila de Encantadas é uma das áreas de ocupação humana na Ilha do Mel, litoral paranaense. Possui a maior população fixa atualmente, bem como o maior número de estabelecimentos turísticos. O local teve ao longo das últimas décadas significativas transformações em decorrência da turistificação. Este conceito contempla a mudança das características da sociedade, do ambiente e da economia. O patrimônio em sua concepção relacional passa ser outro. Essas transformações ocorreram sem planejamento adequado, principalmente quanto ao acompanhamento e controle da ocupação do solo. Apresenta como resultados os pontos críticos das questões culturais da população local e das relações com o cotidiano e o planejamento.

**Palavras chave:** Turistificação, ilha do Mel, patrimônio, cultura.

### **1. INTRODUÇÃO**

O trabalho é constituído de discussão teórica, caracterização da área de estudo, metodologia e resultados. Ao final apresenta considerações finais. Tem como principal fonte de informações aquelas utilizadas na dissertação de mestrado intitulada “Análise sobre a situação socioambiental e do turismo na vila de Encantadas, Ilha do Mel-PR”. Algumas adequações também estão presentes, no sentido de adequar a especificidade de abordagem do trabalho.

A discussão teórica possui um caráter holístico, transpondo conceitos e referências de diferentes perspectivas. Tal interdisciplinaridade é tida como uma das características do trabalho. No sentido de focar as questões de identidade e cultura foram trazidos conceitos acerca da idéia de patrimônio e ambiente em seu sentido relacional.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: dhqt\_geog@yahoo.com.br

A metodologia do trabalho constituiu em interpretação e análise de entrevistas e geração de uma matriz para discussão dos resultados. A proposta da dissertação foi tida como distinta pela banca examinadora. Essas resultantes, baseadas em método qualitativo, propiciaram os resultados de pesquisa apresentados a seguir.

O desfecho do trabalho traz os aspectos da sociedade em sua relação às características culturais. Explicam também, como resultante da análise, aspectos sobre a identidade do lugar na vila de Encantadas.

## **2. ESPAÇO E TURISMO**

O enfoque teórico para a apresentação do artigo se baseia em uma linha argumentativa que parte de conceitos comumente utilizados na geografia, passa também por discussões como o turismo em suas formas de abordagem e manifestações não convencionais. Encerra-se com discussões acerca das questões culturais e identitárias de lugares aonde o turismo se desenvolve, trazendo ainda uma breve contribuição sobre a questão relacional entre os diferentes elementos que constituem esse lugar, através do conceito de patrimônio ambiental urbano, adaptado a destinos como a Ilha do Mel.

O espaço passou a ser palco de transformações sociais. Estas transformações, com o transcorrer da história das sociedades, permanecem em constante evolução e configuram modificações na natureza. A adaptação do homem ao meio e este “constante e cumulativo relacionamento com a natureza, fez com que o homem criasse um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhes permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis” (MORAES, 1986).

A perspectiva espacial enquanto instância da sociedade considera, de acordo com Milton Santos, que, este “contém e é contido pelas demais instâncias” como a “economia, o político-institucional e o cultural-ideológico”. Desta maneira “a essência do espaço é social” (SANTOS, 1992:02).

Nas considerações de Fernando Vera (e outros 1997) ao relacionar espaço e turismo, caracteriza aquele como sendo suporte e fator por sua condição geográfica. Completa considerando que tal condição varia de acordo com atributos de caráter qualitativo de valor intrínseco – naturais ou culturais. Ao descrever a variação qualitativa, afirma que esta “pode

derivar da valoração social a que o espaço é conduzido” o que significa afirmar que existe um processo de “adequação dos recursos ou atrativos, e assim a sua conversão em produto e oferta, objeto de venda e consumo turísticos” (VERA e outros 1997:61).

O turismo possui diferentes maneiras de abordagem. “É, incontestavelmente de acordo com Adyr Rodrigues, fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais” (RODRIGUES 1995:17). De acordo com a amplitude, nas palavras de Ruschmann “constitui um conjunto de equipamentos muito diversificados de empresas e práticas cujos impactos sobre o meio ambiente diferem quantitativa e qualitativamente entre si e, por isso, necessitam ser avaliados isoladamente” (RUSCHMANN, 1997: 59).

O turismo constitui-se, portanto, em fenômeno diversificado. Desenvolve-se de acordo com a existência de interesses. Deixa ocorrer de acordo com as vontades dos sujeitos que admitem o uso exploratório dos territórios visados, os empresários e investidores. O turismo explora o espaço, estando ao mesmo tempo dependente e regulado por este. O turismo constitui-se como fenômeno diverso e complexo, cujo caráter espacial confere pautas de consideração singulares. O espaço caracteriza-se em suporte, recurso e fator para o turismo (VERA e outros 1997).

Remy Knafo, em seu artigo “Turismo e Território: Por uma abordagem científica do Turismo” caracteriza três formas de relação entre estes dois aspectos. A primeira diz respeito aos territórios sem turismo, que constituem locais e/ou regiões aonde não ocorre o turismo. De acordo com o autor, “há cada vez menos territórios sem turismo” devido a fatores como o progresso dos transportes e acessibilidade a áreas remotas. A segunda forma é relativa ao turismo sem território. Constitui em sítios ou lugares criados e/ou equipados, sem existir vínculos culturais com a região acolhedora, se denominam de “espaços receptáculos”, conforme o autor. A terceira forma refere-se aos “territórios turísticos”, locais onde ocorre a relação entre turistas e sociedade acolhedora. Devido a isso o autor caracteriza estes, constituídos por “problemas delicados de planejamento”. Podem ser relacionadas a estes territórios turísticos, as comunidades autóctones. (KNAFOU, 1999:72-73)

O turismo, a partir de suas manifestações em massa, repercutindo consideravelmente em escala mundial econômica e socialmente, a partir da década de 1950, foi caracterizado

como turismo convencional massificado. Seus fins meramente comerciais, e riscos desconhecidos, marcados pela ação insensível dos turistas para com os destinos e populações receptoras, ensejaram as primeiras percepções para um turismo diferente (PIRES, 2002).

Estas manifestações consideradas alternativas eram acompanhadas pelas iniciativas ambientalistas, marcando esta “relação simbiótica” entre os dois acontecimentos – ecoturismo e ambientalismo. Em recusa aos “impactos econômicos, sociais e culturais adversos imprimidos pelo turismo convencional de massas”, as primeiras práticas de ecoturismo passaram a associar “algumas características já constatadas nas primeiras experiências (...) e objeto, ainda de pura idealização” (PIRES, 2002:80).

Existem diferentes formas não-convencionais de turismo também considerados alternativos. O turismo ecológico, de aventura, rural, gastronômico são apenas alguns exemplos destas manifestações de modalidades. As características destes tipos de turismo variam de acordo com a demanda turística, com os *tipos de turista*<sup>1</sup>. Estas novas manifestações da atividade surgiram a partir da “crise do modelo de turismo convencional (...) que se enquadra numa grande transformação social, que assume como traços distintivos o resgate do individual e autêntico (...) incluindo a volta à natureza nessa busca de autenticidade” (DIAS<sup>2</sup>, 2003:17 citado por ROCHA, 2006:233)

### 3. PATRIMONIO, CULTURA E PLANEJAMENTO

Constantemente, no âmbito do planejamento, a idéia de patrimônio é entendida a partir de sua classificação quanto natural, histórico e cultural. Muitas vezes essa classificação é dúbia. Pode ocorrer dessa maneira reducionismo de alguns níveis abordados como acontece com a utilização dos termos cultura, turismo e ambiente, de acordo com Eduardo Yázigi, ficando em “gavetas separadas no resto da organização social e econômica” ficando comumente nos planos de governo “como que pairando no ar”, “o que reduz a dimensão de seus conteúdos” empobrecendo a “possibilidade de planejamento” (YÁZIGI, 2003).

Para Julia Azevedo (1998) patrimônio, cultura e turismo são variáveis nitidamente interativas, sendo a cultura “geradora de patrimônio(s), a força maior que envolve o pensar o sentir o fazer o viver (...) representa a feição singular de um povo”. O patrimônio por sua vez

sendo o “conjunto de bens herdados, construídos e em construção (...) mescla passado, presente e futuro” (AZEVEDO, 1998:149).

Essa idéia de processo permite associar ao significado de Patrimônio Ambiental Urbano (YÁZIGI, 2006). Este, para o autor, relaciona características de ser e devir dos aspectos relacionais existentes em determinado recorte geográfico de análise. A consideração se baseia ainda em algumas questões que se atrelam à idéia de lugar e cotidiano (YÁZIGI, 2001). Para José Newton Menezes, “o patrimônio é vivo” (MENEZES, 2004:24).

Ainda em relação ao ponto de vista do *processo*, verifica-se a pertinência do uso da idéia de *lugar* como importante elemento abstrato a ser investigado. A contribuição maior sobre esta idéia considera tão somente pela conjuntura de seu significado. Somente possível de ser entendido “considerando a extensão de seus sistemas (...) esse – o lugar - tem uma personalidade sim, mas não é o sujeito” (YÁZIGI, 2001:38). Atributos que se somam e que, ainda, devido à efemeridade dos aspectos que o constituem é, geralmente, suscetível às “forças aplainadoras da globalização” (YÁZIGI, 2001:41).

Alguns pensadores, como Alain Touraine, definem a sociedade que se pauta no determinismo econômico, aquela cada vez mais marcante na sociedade pós-moderna. Tal como a proposta temática do projeto, apoiada na idéia de que “formas de vida coletiva sejam manifestações de uma capacidade e de uma vontade de autotransformação da sociedade” (TOURAINÉ, 2002:70). Assim sendo, dos traços socioculturais relacionados à maneira de como os lugares reagem face à turistificação.

A utilização consumista de formas de patrimônio tem no turismo, uma constante. Desde as condicionantes naturais, paisagísticas e também históricas, artificiais ou pitorescas, entre outras, o patrimônio que se constrói a partir da cultura e do cotidiano de determinados lugares, “pode conservar ou pode transformar as construções – materiais e imateriais – e até mesmo destruí-lo (MENEZES, 2004:26). O patrimônio, portanto, ao ser apropriado como produto turístico, tem provocado problemas sérios, nas palavras do autor, se referindo a alguns lugares turistificados

A transformação em produtos de consumo massificado tem provocado problemas sérios na apreensão, interpretação e comunicação de seu patrimônio

histórico, além da exclusão social de parcela de sua população. O planejamento turístico ainda não atendeu a questões infra-estruturais que podem preservar a cidade e incluir a população no usufruto do bem patrimonial que elas são e no bem de consumo em que elas se transformaram (MENEZES, 2004:27).

Diante dessas breves considerações acerca dos conceitos, fica entendida a importância do contexto histórico para o entendimento e para o planejamento de uma determinada sociedade e seu território. Entender que “tudo é história” é fundamental, considerando que “somente o desenvolvimento histórico permite sopesar e avaliar em suas relações respectivas, os elementos do presente” (STRAUSS, 1996:26).

#### **4. O TURISMO NA ILHA DO MEL**

Diversos estudos têm trazido as descrições sobre o turismo na Ilha do Mel. Algumas destas colocações são trazidas, no que tiverem relação à vila de Encantadas. Em uma primeira fase do turismo local, no início do século XX, a Ilha do Mel era muito procurada por famílias da classe alta de Curitiba que iam lá veranejar; pode ser considerado o primeiro recanto turístico do litoral do Paraná (PARANÁ, 1986). Durante a Segunda Guerra Mundial, a Ilha foi considerada “Zona de Guerra” e, portanto, foi bloqueado momentaneamente o desenvolvimento da atividade turística (PARANÁ, 1996).

Conforme Kim (2004), durante as décadas de 1980 e 1990, a Ilha recebeu muitos imigrantes: pessoas da classe média alta buscaram qualidade de vida, instalando comércios e pessoas com menor poder aquisitivo atrás das oportunidades de emprego, geradas por esses estabelecimentos. Na década de 1990, paralelamente ao aumento de visitantes, na concepção de Claudio Esteves (2004:209), o perfil dos turistas que freqüentavam a Ilha do Mel se foi alterando para um tipo de “homo-urbano desenvolvimentista”. Este fato decorre da crescente busca por parte de pessoas da cidade por lugares com ambientes naturais em bom estado de conservação.

O início do desenvolvimento mais proeminente do turismo na Ilha do Mel, a década de 1980, sobressaíam casas de veraneio e, a partir de 1995, começou a predominar a instalação de estabelecimentos comerciais voltados ao turismo. A ocupação ocorreu sem acompanhamento de ordenamento territorial: o parcelamento do solo dotado de irregularidades (NETO, 1999; TELLES, 2004).

Nestas condições, segundo Esteves (2004:95), os caiçaras eram seduzidos a vender áreas de alto valor a preços relativamente baixos, perdendo seu espaço territorial para empreendimentos imobiliários e turísticos. Segundo Neto (1999:157), a grande maioria dos proprietários é formada por investidores que migraram para a Ilha, a fim de lucrar com atividades econômicas ligadas ao turismo: “o número elevado de empreendimentos de proprietários de fora é facilmente explicável em virtude da superioridade econômica deste tipo de investidor sobre o nativo e também devido a pequena cultura empreendedora dos ilhéus”.

## 5. A VILA DE ENCANTADAS

De acordo com documento Diagnóstico para Comissão de Elaboração do Plano de Instruções Básicas para a Ilha do Mel, a vila de Encantadas possui área de 199.285 m<sup>2</sup>, dos quais 87% estão ocupados (PARANÁ, 1999:3-9). É um dos quatro povoados oficialmente existentes na Ilha do Mel, de acordo com a classificação sobre as áreas de ocupação. O Parque Estadual da Ilha do Mel (PEIM) é uma das duas unidades de conservação (UC) que existem na Ilha<sup>3</sup>. Envolve a vila de Encantadas, no extremo Sul da Ilha. Abrange morros, planícies vegetadas, praias e aflorações rochosas. Esta UC foi criada pelo Decreto 506 de 22 de Março de 2002, e corresponde à antiga área de Reserva Natural.

A Vila de Encantadas constitui-se em um local de atrativos significativos dentro do contexto do turismo. As suas qualidades paisagísticas, culturais e oferta de entretenimento e lazer vêm sendo exploradas como recursos para o desenvolvimento da atividade turística. O principal atrativo turístico do local e seu entorno<sup>4</sup> é a questão natural, mas também elementos atrelados à cultura, lazer e história locais. A ilha toda possui praias, morros, áreas de vegetação conservadas (mata atlântica) que oferecem opções de caminhadas, apreciação das paisagens naturais, pesca, vôos livres (asa-delta e *paragliding*), surfe, mergulho, corridas de aventura, além de passeios de barco, entre outros esportes e modalidades de aventura.

Nesta vila, encontram-se pousadas, *campings*, bares, restaurantes como opções de lazer fora dos roteiros de aventura. Configura-se assim num lugar de opções variadas para o turista, não estando associada a uma única questão que lhe caracterize um modo específico de segmento turístico. Abrange principalmente o turismo de massa durante os meses de verão, e

turismo de baixo impacto ao longo do resto do todo, além de ser freqüentada por moradores de segunda residência.

Esta nova configuração dos espaços de concentração dos chamados equipamentos turísticos (restaurantes e pousadas, principalmente) acarreta em custos ambientais e sociais, e tende cada vez mais ao atendimento das necessidades do turista urbano. De acordo com Silveira impactos oriundos desta atividade acarretaram em “transformações nos modos de vida da população local (abandono de atividades tradicionais, mudança de comportamento dos jovens, consumo de drogas e alcoolismo), cujas causas principais são a falta de ocupação, a influência dos turistas e as restrições no uso do solo da área” (SILVEIRA, 138-151).

De acordo com Paraná<sup>5</sup> citado por Esteves a Vila de Encantadas é o setor de ocupação da Ilha do Mel que apresenta o maior número de problemas em relação à ocupação. Problemas os quais determinaram numa baixa qualidade ambiental por questões de suporte físico e estrutura de serviços de infra-estrutura básica (ESTEVES, 2004).

A ocupação da área ocorreu sem acompanhamento de ordenamento territorial. Isto caracterizou a configuração do parcelamento do solo dotado de irregularidades. A multiplicação dos lotes, subdivididos em inconformidade com o previsto pelo plano de uso de 1982, acarretou em alta concentração de propriedades, proporcionando um adensamento da ocupação e alteração da paisagem (TELLES, 2004).

## **6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Planejamento, turismo e cultura hoje estão em constante discussão por parte da população de Encantadas. A existência de um Conselho Gestor na Ilha do Mel é tida como pouco efetiva frente às necessidades e vontades da população. A própria população tem sérios problemas em se organizar e convergir ambições comuns para reivindicar seus anseios. Há uma nítida incapacidade dentro da própria sociedade, em adequar seus anseios para reivindicações para um turismo sustentado.

Os traços culturais dos diferentes grupos sociais divergem significativamente, assim como suas ambições. Além disso, há sérios problemas que agravam qualquer iniciativa de estímulo a promoção cultural com base em valores ambientais e relacionais. Fatores

complicadores que acabam por dificultar a gestão no local: os conflitos fundiários, o saneamento e a educação.

Tidos como serviços básicos de responsabilidade dos órgãos públicos, estes três aspectos têm prejudicado em muito o desenvolvimento do turismo no local. O Estado, assim segue a desejar com relação ao que é de seu dever. Planos são discutidos com descontentamento e há insatisfação da sociedade com a realidade no local.

A população da vila de Encantadas é marcada pela miscigenação de culturas e interesses ligados aos grupos sociais. Com o passar das últimas décadas, esta complexidade se consolidou, marcando a população local por divergências nos discursos e opinião sobre diferentes aspectos. A influência dos forâneos<sup>6</sup> cada vez mais presentes no cotidiano em decorrência da turistificação descaracterizou a antiga relação de integração entre os habitantes tradicionais. Isto acarretou uma relação de desconfiança por parte dos nativos, consolidando o aspecto da segmentação da sociedade.

Os hábitos culturais da população local podem ser considerados atualmente os seguintes, de acordo com a opinião da população local: grupo de teatro “Arteiros da Ilha”; grupo de artistas que apresentam peças baseadas em contos e histórias da Ilha do Mel e à Vila de Encantadas; a pesca artesanal, festas religiosas, o futebol na praia, a pesca da Tainha, a mariscada, o lambe-lambe (prato tradicional) e o bastante apreciado pelos habitantes e visitantes, forró. Estas constituem, de acordo com os depoimentos, as principais manifestações culturais ocorrentes.

A constante presença de turistas, visitantes e imigrantes, somado à proximidade da ilha com o continente passou a descaracterizar a população tradicional de seus hábitos. As influências culturais do estereótipo urbano trazidos à ilha contaminaram a rusticidade da população local. As iniciativas de resgate da cultura tradicional são quase inexistentes. As famílias possuem grande parcela de responsabilidade neste aspecto. Hábitos ainda existentes são praticados pelos mais velhos, contudo não ocorrendo transmissão do conhecimento para os descendentes destes. As ações por parte de ONGs, sociedade civil, e alguns empresários são vistas como pouco eficientes ou inadequadas.

A atenção aos aspectos sobre o patrimônio em sua forma mais ampla constitui em sério problema nas Encantadas, não diferente em toda a Ilha do Mel e outros redutos semelhantes ao longo das ilhas litorâneas do litoral paranaense. O planejamento do turismo com base nas questões ambientais e culturais precisa de uma nova atuação integrada por parte do poder público no local.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, J. **Turismo, cultura, patrimônio** In: “Turismo com ética” Coriolano, L.N.M.C. (org.). Fortaleza, 1998.
- BERNARDES, J. A. **Mudança Técnica e Espaço: Uma Proposta de Investigação**. In: Geografia: conceitos e temas. Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995.
- ESTEVES, C. J. O. **Turismo e Qualidade da Água na Ilha do Mel** (*Litoral do Paraná*). Curitiba, PR, 2004: Dissertação (Mestrado em Geografia)– Universidade Federal do Paraná.
- KIM, K. M. **Avaliação da sustentabilidade do modelo de desenvolvimento vigente na Ilha do Mel – PR**. Pontal do Paraná, 2004. Monografia (Graduação em Ciências do Mar) Setor de Ciências da Terra, UFPR.
- KNAFOU, R. **Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo** In: Turismo e Geografia: Referenciais teóricos e enfoques regionais. Adyr Rodrigues (org) Ed. Hucitec, São Paulo, 1999.
- LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- NETO, R. F. **As inter-relações da energia elétrica com aspectos de conforto e modernidade em pequenas comunidades. Um estudo de caso na Ilha do Mel – PR**. Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. UFPR. Curitiba, 1999
- PARANÁ, **Coletânea da Legislação e Documentação sobre a Ilha do Mel**. IAP, 1986.
- PARANÁ, **Plano de Manejo – Estação Ecológica da Ilha do Mel - PR**. IAP e SEMA, 1996.
- PARANA, **Ilha do Mel- Análise da expansão urbana**. Comissão para elaboração do plano de instruções básicas. Curitiba, 1999.
- PIRES, P. S. **Dimensões do Ecoturismo**. Editora SENAC, São Paulo, 2002.
- RIBEIRO, W. C. e FERREIRA, S. R. B. **Turismo e Desenvolvimento Sustentável** In: Turismo com ética. CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.) UECE, 1998.
- ROCHA, J. M. **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Turismo: uma perspectiva de conciliação – o caso do município de Guaraqueçaba – PR, Brasil**. In Turismo em Análise. V.17 N.2, 2006.

- RODRIGUES, A. B. **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo, Ed, Hucitec, 1995.
- RUSCHMANN, D. **Turismo e Ambiente: reflexões e propostas.** Editora Hucitec, São Paulo, 1997.
- SANTOS, M. **Espaço e método** 3.ed. São Paulo, Ed. Nobel. 1992.
- SILVEIRA, M.A. **Ecoturismo na Ilha do Mel/Paraná** In: Turismo e Meio Ambiente, Fortaleza, v.1. Editora da UECE. 1998.
- STRAUSS, C. L. **Antropologia estrutural** 5ª Edição. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1996.
- TELLES, D.H.Q. **A ocupação do solo na Vila de Encantadas, Ilha do Mel: análise sobre a expansão e conflitos de uso.** In Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, Goiânia, 2004.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade** Editora Vozes, 7ª Edição. Petrópolis, 2002.
- VERA, J. F. *et al* **Análisis territorial del turismo** Editora Ariel Geográfica, Barcelona, 1997.
- YÁZIGI, E. A. **A alma do lugar – Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas** Editora Contexto, São Paulo, 2001.
- YÁZIGI, E. A. **Turismo, uma esperança condicional** 3ª Edição, Global Universitária. São Paulo, 2003.
- YÁZIGI, E. A. **A definição do conceito de Patrimônio Ambiental Urbano em países emergentes** In: Revista de Geografia da UNL. Portugal, 2006.

<sup>1</sup> Ver Krippendorf (2001), citado por Rocha (2006).

<sup>2</sup> DIAS, R. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente.** São Paulo, Atlas. 2003.

<sup>3</sup> A outra Unidade de Conservação é a Estação Ecológica da Ilha do Mel, que compreende uma Unidade de Proteção Integral localizada na parte Norte da Ilha do Mel. Foi criada oficialmente pelo Decreto 5.454 em 21 de Setembro de 1982. Possui área de 2.241 hectares.

<sup>4</sup> A área de entorno aqui considerada consiste nas áreas de Unidade de Conservação e de ocupação humana de toda a Ilha do Mel, abrangendo praias, morros, sambaquis, trilhas e vegetação entre outros elementos da paisagem.

<sup>5</sup> PARANÁ, **Plano de Manejo – Estação Ecológica da Ilha do Mel - PR.** IAP e SEMA, 1996.

<sup>6</sup> Forâneo *adj* (*lat foraneu*) Que é de terra estranha; estranho, forasteiro. In: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.